

## CINEMA E VÍDEO EDUCATIVO

### **META**

Apresentar uma breve história do cinema e do vídeo educativos.

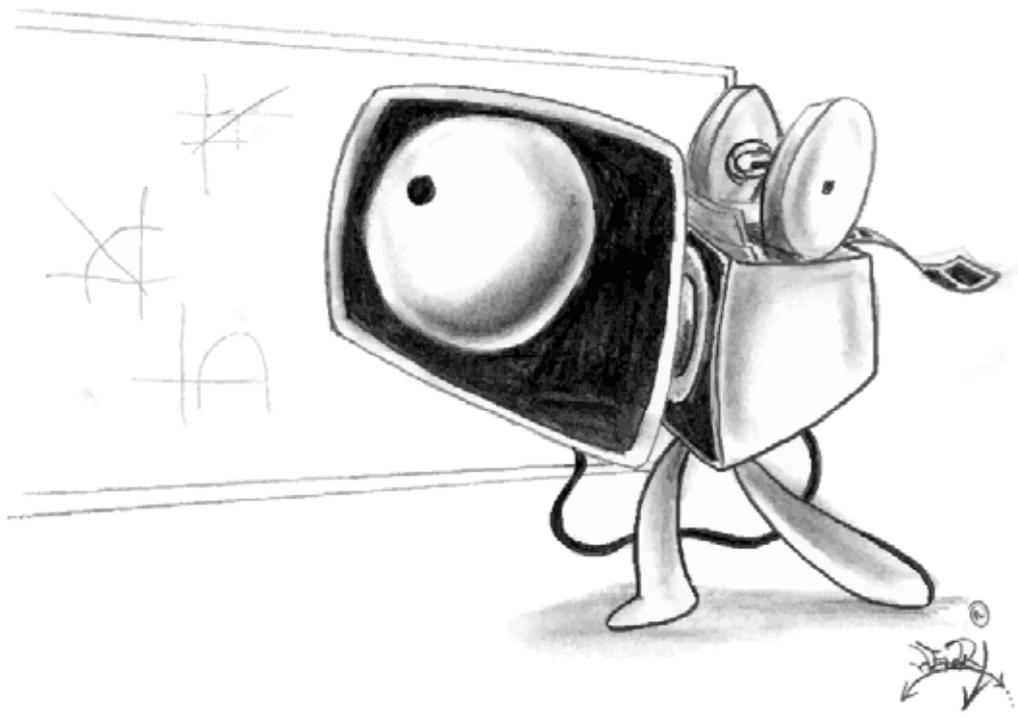
### **OBJETIVOS**

Ao final desta aula, o aluno deverá:

apresentar os elementos centrais da história do cinema e do vídeo educativos;  
relacionar o cinema e o vídeo com a EAD.

### **PRÉ-REQUISITO**

Ter assimilado o conteúdo da aula “A TV Educativa no Brasil”.



## INTRODUÇÃO



### Sarah Bernhardt

(1844-1923) Atriz, comediante e cantora francesa que ficou famosa ao interpretar personagens dramáticos.

Caro aluno ou querida aluna: vamos falar agora de um tema que fascina a todos e que está ligado ao lazer e entretenimento, mas que se tornou uma importante ferramenta para os processos educacionais. O cinema foi a primeira forma de arte produzida para as massas. Não tem sentido pensar em cinema sem pensar em grandes plateias. O cinema é um processo caro, pois depende de equipamentos pesados e da revelação da película. Por outro lado, o vídeo é um recurso mais acessível. Tanto o cinema quanto o vídeo foram fundamentais para o desenvolvimento de programas educativos e para a Educação a Distância.

Nesta aula serão apresentados elementos da história do cinema e do vídeo educativos e será possível conhecer mais sobre essas duas linguagens.



### Carl Laemmle

Nasceu na Alemanha (1867) e faleceu nos EUA (1939). Fundador da Universal Pictures e produtor de mais de 2000 filmes



Sessão de cinema em Angola, década de 1960. (Fonte: <http://www.cpires.com>).

### Iconoscópio

Tubo de raios catódicos utilizado em televisão, no qual se converte uma imagem óptica numa sequência de impulsos elétricos.



Platéia assiste a filme. (Fonte: <http://www.pec.utopia.com.br>).

## O CINEMA E O VÍDEO EDUCATIVOS

Lilian Cristina Monteiro França

Cabe aos irmãos Louis e August Lumière a invenção do cinema, mas, antes que eles chegassem ao seu cinematógrafo, a arte de reproduzir imagens já era antiga.

Há cerca de 5000 a.C., o jogo de sombras já surgia na China, projetando sobre paredes ou telas de linho figuras diversas recortadas e manipuladas, cuja ação era descrita por um narrador.

Há mais de 100 anos ocorreu a primeira exibição pública das produções dos irmãos Lumière (em 28 de dezembro de 1895), no *Grand Café*, em Paris.

Aquela exibição causou tanto impacto que muitas pessoas saíram correndo da sala, pois pensavam que o trem era de verdade. *O almoço do bebê* e *O mar* são alguns dos outros filmes apresentados.

As produções baseiam-se em temas ligados à vida urbana, em geral documentários curtos sobre a vida cotidiana, com cerca de dois minutos de projeção, filmados ao ar livre, como em *A saída dos operários das usinas Lumière* e *A chegada do trem na estação*.

A linguagem cinematográfica desenvolveu-se, criando estruturas narrativas. Na França, na primeira década do século XX, são filmadas peças de teatro, com grandes nomes do palco, como **Sarah Bernhardt**. Em 1911, **Carl Laemmle** funda a grande empresa cinematográfica chamada *Universal Pictures*, que foi vendida, em 1962, para a agência de talentos MCA, que foi incorporada em 1990 ao grupo japonês *Matsushita*.

Antes, no entanto, era necessário levar a nova invenção ao resto do mundo e fazê-la cumprir sua função. Em 1896, os Lumière equipam alguns fotógrafos com aparelhos cinematográficos e os enviam para vários países, com a incumbência de trazer novas imagens e também exibir as que levam de Paris. Os caçadores de imagens, como são chamados, colocam suas câmeras fixas num determinado lugar e registram o que está na frente.

As origens do vídeo remontam ao século XIX. Em 1817, o químico **Berzelius**, nascido na Suécia, notou a reação do metal selênio diante da luz. As pesquisas com o selênio foram desenvolvidas, também, ainda no século XIX (1873), por um irlandês que se chamava May. Estava, então, criado o princípio das células fotoelétricas, o básico para a transmissão de TV e que iria, mais tarde, permitir o desenvolvimento do vídeo.

Após a Primeira Guerra Mundial (1914-1919), um russo naturalizado estadunidense, **V. K. Zworykin**, solicitou uma patente pela descoberta do **iconoscópio**, o fundamento da TV eletrônica dos dias atuais. Era o ano de 1923 e a sua descoberta é considerada hoje como o fator decisivo no desenvolvimento da televisão e, conseqüentemente, do vídeo.



**Jöns Jacob Berzelius**

Cientista sueco. Entre seus feitos está o isolamento de elementos químicos como o cálcio, e silício. Descobriu o selênio, que transforma energia luminosa em energia elétrica. Nasceu em Berzelius (1779) e morreu em Estocolmo (1848).



**Vladimir Zworykin**

Engenheiro eletrônico e físico nascido na Rússia (1889). Estudou em Paris e trabalhou nos EAU, onde inventou o iconoscópio e o microscópio eletrônico.

## CÂMERA NA MÃO, POLÍTICA NA CABEÇA

**De maneira inédita, Mussolini e Getúlio Vargas fizeram do cinema um grande aliado em seus projetos de educação das massas e de conquista política.**

Não apenas uma população saudável garantiria à Itália e ao Brasil o aumento da mão de obra. A mudança no status social do trabalho e a preparação profissional dos jovens também contribuiriam para mudar a economia dos países. Além da implantação das leis trabalhistas, em 1927, na Itália, e 1943, no Brasil, iniciou-se um discurso de valorização do trabalho manual como um elemento enobecedor do espírito humano. No mesmo ritmo em que o trabalhador ganhava espaço no Fascismo e no Estado Novo, proliferavam escolas profissionalizantes destinadas a formarem os técnicos e a mão-de-obra futura da indústria e do campo.

Nesta batalha, o cinema se comprometeu exibindo as ações governamentais e educando os jovens para cumprirem um papel na sociedade. No Brasil, o filme “Combate à lepra”, de 1945, exhibe filhos de leprosos lidando com a madeira e aprendendo a consertar sapatos. O narrador destaca que nos leprosários existia uma oficina de formação tecnoprofissional para as crianças, permitindo a elas a aquisição de um ofício. Um detalhe importante a ser observado nas imagens dos dois filmes citados é a expressão no rosto dos jovens aprendizes, que varia entre a alegria e a compenetração. Estes sentimentos representados pelas expressões espantam o preconceito em torno do trabalho manual. Para Vargas e Mussolini o cinema tinha, além da possibilidade educativa, a missão de aproximar os povos e a população interna. Foi com este motivo que Getúlio profetizou “ele (o cinema) aproximará, pela visão incisiva dos fatos, os diferentes núcleos humanos dispersos no vasto território da República”. As distâncias regionais, políticas, territoriais e econômicas, eram consideradas como os principais problemas a serem superados pelo Estado Novo, pois eram um entrave ao crescimento do país.

Seguindo o discurso da unificação, os filmes do INCE e os cinejornais do DIP realizados durante o Estado Novo usaram os símbolos nacionais como emblemas da união nacional. A bandeira do Brasil, por exemplo, era vista na abertura do cinejornal brasileiro, produzido pelo DIP. A associação entre governo e país gerava um sentimento de unidade, que estimulado, aumentava o patriotismo da população. Foi o próprio Vargas quem assinalou tal possibilidade ao dizer que o “cinema será, assim, o livro de imagens luminosas, no qual as nossas populações praieiras e rurais aprenderão a amar o Brasil”.(ROSA, 2007).

## MAS, AFINAL, O QUE É VÍDEO?

O nome vídeo, etimologicamente, deriva de “ver”. O conceito é antigo, desde a invenção da televisão eletrônica, na década de 30, os circuitos tinham o nome, em inglês, de “áudio” e “vídeo”. Porém, hoje, vídeo se refere a toda imagem gravada: desde um programa gravado em casa, até à produção de um filme.

Em 1955, a Sony lançou o *portapak*. Era o primeiro vídeo portátil e com um preço acessível a pessoas e instituições que pretendessem gravar seus próprios programas.

O primeiro *videotape* foi lançado no mercado profissional pela *Ampex Corporation of America*, no final dos anos 50, modificando completamente a televisão mundial ao terminar com a obrigatoriedade dos programas “ao vivo”.

Entretanto, o mercado mais promissor continuava sendo fora das emisoras, junto ao grande público; então, em 1974, a *Philips* lançou um produto destinado ao público doméstico. Com o tempo, ele foi sendo barateado e tornou-se mais acessível.

Na década de 90, foi lançado o vídeo digital, superando todos os demais formatos, pois substituiu o sistema analógico. É evidente que os formatos digitais inovaram o mercado. Porém, com o avanço da tecnologia, são esperados novos lançamentos, contribuindo cada vez mais para a qualidade da videoprodução.

Desde a década de 80 que filmes e vídeos vêm sendo utilizados nas escolas. Vejamos o caso do cinema:

Em 1933, foi criada, no então Distrito Federal, a Biblioteca Central de Educação, com uma Divisão de Cinema Educativo, para fornecer filmes às escolas públicas do Rio de Janeiro.

É bom lembrar que a criação do INCE, oficializada através da lei citada anteriormente, deve-se à figura de Roquette Pinto, que levou ao Ministério de Educação e Saúde a exposição de motivos para a criação do referido instituto, aprovada em 10 de março de 1936. Competia ao INCE editar filmes educativos populares (*standard*, 35 mm) e escolares (*substandard*, 16 mm). Parágrafo único: Para desempenhar sua finalidade, o Instituto manterá uma filmoteca; divulgará os filmes de sua propriedade, cedendo-os por empréstimo ou por troca às instituições culturais e de ensino, oficiais e particulares, nacionais e estrangeiras.

Como seu primeiro diretor, Roquette Pinto dotou o INCE de uma filmoteca voltada para a preservação dos filmes brasileiros, e que já continha em seu acervo, no ano de 1943, 587 filmes em 16 e 35 mm em permanente contato com escolas (232 escolas registradas). Contando com a colaboração do Instituto Nacional de Estudos Pedagógicos e das Secretarias de Educação dos estados, um prêmio, sugerido pelo diretor do INCE e instituído pelo Ministro de Educação, doava

quatro filmes a toda escola que possuísse um projetor sonoro de 16 mm. Foi Roquette Pinto que escolheu Humberto Mauro para chefiar a seção técnica do INCE. Nessa função, Humberto Mauro realizou 230 documentários de curta metragem. Em 1966, criou-se o Instituto Nacional de Cinema – INC – que absorveu as atribuições do INCE. Dentro do INC, havia o Departamento do Filme Educativo que, nos seus dez anos de existência, apresentou algumas modificações. Nessa época, foi instituída a compra de direitos de contratipagem de produções independentes (20 filmes por ano), o que dava ao INC o direito à distribuição de várias cópias no circuito não comercial de escolas e demais entidades.

Após a fusão do INC com a Embrafilme, em 8 de fevereiro de 1976, o cinema educativo ficou a cargo do Departamento de Filme Cultural – DFC –, subordinado à Diretoria de Operações não-Comerciais. Em 1978, o DFC possuía um total de 721 títulos, tendo, às vezes, até cinco cópias de cada um. De janeiro a maio de 1978, o número de atendimentos foi de 980, com 2.257 cópias emprestadas. Em 1990, o quadro que se apresentava era bem diferente.

Os custos para produção, copiagem e distribuição passaram a ser alarmantes, o que fez mudar os rumos da Diretoria de Operações Comerciais da Embrafilme. Paulatinamente, foram sendo abolidas as exibições gratuitas, permanecendo apenas em casos de projetos específicos pagos pelo agente patrocinador do evento. O realizador passa a ser o proprietário do seu filme, e a Embrafilme a se ressarcir do investimento na produção pela retenção prioritária das rendas do filme. Com a extinção da Embrafilme, no governo do então presidente Fernando Collor de Mello, a produção de filmes, que até então tinha um grande apoio do governo, foi praticamente inviabilizada. A lei de obrigatoriedade de projeção de um curta-metragem, antes do longa, no cinema deixa de existir, o que faz diminuir a produção também daquele formato.

Entrei na Embrafilme em 1980, e comecei a trabalhar na Assessoria Educacional ligada ao Departamento de Assuntos Culturais. Desde 1970, já trabalhava no CINEDUC - Cinema e Educação - de onde me desliguei por não poder acumular as duas funções. O trabalho com as filмотecas regionais da Embrafilme “fez a minha cabeça”. A Embrafilme doou para vários estados um acervo de filmes 16 mm, formando filмотecas regionais em universidades, centros culturais etc.

Para aproveitar a minha experiência do CINEDUC, comecei a viajar para formar animadores culturais nestes locais, levando-lhes técnicas e alguns elementos que os ajudassem a utilizar os filmes recebidos. Os filmes poderiam, então, ser usados para discutir a realidade de suas regiões e os problemas que os temas dos filmes suscitavam para um trabalho educacional e cultural. Por outro lado, quando estava no Rio, atendia às escolas que nos procuravam para programar

filmes ligados a temas curriculares. Todos os empréstimos eram gratuitos. Cheguei a organizar um catálogo pedagógico com os 110 títulos mais adequados às temáticas solicitadas. No mês de setembro, por exemplo, sempre apareciam professores querendo programar algo para o dia 7 – dia da *Independência do Brasil*. Tínhamos apenas o episódio do filme *Independência ou Morte*, de Carlos Coimbra, com Gloria Meneses e Tarcísio Meira, considerado fraco pela crítica especializada. Era preciso “quebrar a cabeça” para descobrir outros filmes que pudessem se adequar ao assunto.

Passei a sugerir *Mão Mãe*, um desenho animado de Marcos Magalhães. O filme mostra uma mão imensa diante de um jovem que deve obedecer-lhe. Ela vai se transformando: ora é a mão da autoridade paterna, ora é a da religião, ora é a do Exército. Em resumo, o filme falava de vários tipos de poder e de liberdade e independência. Os professores ficaram satisfeitos. Foi aí que comecei a entender que os filmes de ficção também poderiam ser úteis e educativos, tanto quanto os “filmes educativos”, no sentido didático e educacional. (MONTEIRO, 2002)

O Projeto Vídeo Escola, por exemplo, coloca à disposição das escolas públicas um conjunto de fitas de vídeo sobre os mais variados temas. O professor pode assistir à fita e depois exibi-la para os alunos, de acordo com o conteúdo que está sendo ensinado.

## VÍDEOS NA EDUCAÇÃO ESCOLAR: A EXPERIÊNCIA DO VÍDEO ESCOLA EM ARACAJU

Ronaldo Nunes Linhares - UFS (Brasil)

A implantação do projeto Vídeo Escola em Aracaju, ainda não contribuiu efetivamente, para a mudança da mentalidade com relação à presença destas imagens, trazidas à sala de aula pelo Vídeo e a Televisão, e conseqüentemente com o questionamento das metodologias utilizadas pelo professor desses meios como tecnologias educacionais.

Considerando os dados obtidos e os resultados aqui apresentados, a partir do levantamento das atividades desenvolvidas pelos professores com o uso do Projeto em sala de aula e dos grupos de facilidades (pontos positivos) e dificuldades (pontos negativos), permitem principalmente observar que:

A maioria dos professores que usam o projeto, lecionam a disciplina de Português (40%). Entendemos este fato como conseqüência não só do grande número de programas da disciplina

mas, principalmente, por ser esta disciplina de conteúdo mais amplo e interdisciplinar.

No que se refere às informações gerais sobre o Projeto na escola, observou-se que a estrutura e a qualidade do material de apoio foi muito importante para a maioria dos professores pesquisados (22%), embora acreditamos ter sido ineficiente como forma de divulgação para toda a comunidade escolar. Como Projeto que se utiliza da comunicação audiovisual e novas tecnologias de comunicação, como a televisão e o vídeo, o número de professores atingidos por esta forma de divulgação na comunidade pesquisada foi muito pequeno (3,5%), já que a média de utilização dos vídeos em sala pelos professores ficou entre cinco e dez vezes por ano (69,7%).

A partir do uso dos vídeos em sala percebe-se uma mudança no que concerne ao papel do professor em sala. Mais de 75% dos pesquisados encara seu papel diante do uso do Vídeo como um orientador e facilitador da aprendizagem, preocupado em incentivar a participação e compreensão dos alunos.

Nessa perspectiva, o professor seria um mediador do processo educativo, o que, segundo Gutierrez (1996), condicionaria o uso das tecnologias a quatro aspectos, que são: o desenvolvimento de relações subjetivas, suportes necessários para o desenvolvimento da interlocução no processo; a utopia de uma sociedade melhor, consciente dos riscos a correr mas, acreditando na aventura, imaginação e utopia; dar um sentido ao processo, objetivando assegurar uma meta, e por fim, a crença na produção pedagógica como resultado do processo, que são ao mesmo tempo tangíveis, interrelacionados e participativos.

## CONCLUSÃO

Vimos no estudo desta aula como surgiram o cinema e o vídeo, e como estabeleceram sua importância no mundo. A partir deles, todo o processo de formação educacional escapou do modelo tradicional e pôde ser estendido, alternativamente, a uma bem mais ampla camada da população mundial, que se encontrava definitivamente excluída do processo de ensino e aprendizagem, considerando-se a permanência do modelo tradicional.

## RESUMO

Caro aluno ou querida aluna: vimos nesta aula, inicialmente, que o cinema criado pelos irmãos *Lumière*, na França, foi o primeiro meio de popularização da arte, desde as experiências incipientes do final do século XIX. Passando pela sua primeira exibição pública, em 28 de dezembro de 1895, e seguindo a trajetória até os nossos dias, a evolução desses dois veículos (cinema e vídeo) proporcionou a implantação e desenvolvimento de um sistema educacional alternativo, que alcança à distância alunos espalhados pelos recantos de mais difícil acesso, e que jamais seriam beneficiados se fossem utilizados somente os meios presenciais de ensino. Você acompanhou o desenvolvimento tecnológico que atravessou as décadas, chegando até aos modernos sistemas digitais de transmissão de sinais, que têm sido aproveitados para melhoria da qualidade dos serviços educacionais da Universidade Aberta do Brasil.



## ATIVIDADES

1. Resuma o surgimento do vídeo.
2. Você utiliza o vídeo? O que costuma assistir?
3. Como o vídeo tem sido utilizado para o ensino?
4. Você costuma ir ao cinema? Quais os últimos filmes nacionais que você assistiu? O que achou deles?
5. Leia o texto de apoio Cinema na escola: a vocação educativa dos filmes. (Disponível em <http://www.tvebrasil.com.br/SALTO/boletins2002/dce/dcetxt4.htm>.) e faça um resumo das ideias centrais.
6. Após a leitura e a realização das atividades, responda: Você acha que pode aprender alguma coisa através do uso do vídeo na sala de aula? O quê?



## REFERÊNCIAS

- FRANÇA, Lílian C. M. O cinema e o vídeo educativos. In: FRANÇA, Lílian C. M., FERRETE, Anne Alima S. S.; GOUY, Guilherme Borba. **Tecnologias da Informação e da Comunicação aplicadas a Educação**. Aracaju/SE: CESAD/UFS, 2007.
- LINHARES, Ronaldo Nunes. **Vídeos na educação escolar**: a experiência do Vídeo Escola em Aracaju. Disponível em <<http://148.204.224.230/dtebiblioteca/biblioteca3/B3EI31.doc>> Acesso.
- MONTEIRO, Marialva. **Cinema na escola**: a vocação educativa dos filmes. Disponível em <<http://www.tvebrasil.com.br/SALTO/boletins2002/dce/dcetxt4.htm>> Acesso.